

ESPAÇO CARCERÁRIO, GÊNERO E CINEMA: As imagens prisionais
em *Leonera*

*PRISON SPACE, GENDER AND CINEMA: the prisional images of
Leonera*

*L'ESPACE CARCÉRAL, GENRE ET CINEMA: les images de prison en
Leonera*

Karina Eugenia Fioravante

Mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da UEPG
Campus de Uvaranas, Avenida General Carlos Cavalcanti, 4748. CEP: 84030-900,
Ponta Grossa, Paraná.
E-mail: karina_frr@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo trazer uma discussão acerca das espacialidades carcerárias femininas a partir do filme argentino *Leonera* (2008). Há alguns anos, as imagens produzidas pelo cinema vêm despertando a atenção de geógrafos, os quais afirmam que as produções filmicas se caracterizam enquanto um interessante viés de análise para a Geografia. Os espaços carcerários, mesmo negligenciados, se apresentam enquanto um rico leque investigativo, uma vez que comportam as mais diversas práticas e dinâmicas. Para a grande maioria da audiência, uma das únicas formas de contato com esse espaço se dá por meio de filmes como este que analisamos. Isso demonstra, sobretudo, a importância das produções filmicas em diversos aspectos de nossa vida cotidiana, bem como a sua relevância para análises científicas. Utilizamos as proposições trazidas pelas Geografias Feministas, especialmente as discussões relacionadas ao conceito de gênero, para problematizar a espacialidade carcerária feminina, compreendendo que essas espacialidades são vivenciadas de forma antagônica por diferentes sujeitos. Concluímos que o espaço carcerário construído pelo filme é dinâmico, moldado a partir de elementos singulares, tais quais, poder, violência, amizade e maternagem.

Palavras – Chave: Espaço Carcerário, Cinema, Gênero, Poder

Abstract

This article aims to bring a discussion about the female's prisional spatialities using the argentine movie *Leonera* (2008) as basis of analysis. In some years the images produced by the movies have attracted the attention of geographers who affirm that the movies are characterized as an interesting bias of analysis for Geography. The prison space, even neglected, shows itself as an rich field of investigation, since it behave the most dynamic and diverse practices. For the vast majority of the audiecne, one of the only ways to connect with the prison spatiality is made by movies like this that we reviewed. This shows, especially the importance of films in various aspects of our daily

lives, and also, their relevance to scientific analysis. We used some proposals brought by the Feminist Geographies, mostly the discussions related to the concept of gender, to discuss about the female's prison space, arguing in the same way, that the spatialities are experienced in antagonistic way by different individuals. We concluded that the prison space built for the film is dynamic, molded from singular elements, such as power, violence, friendship and motherhood.

Keywords: Prison Space, Cinema, Gender, Power

Resumé

Cet article vise à apporter une discussion sur la spatialité de prison des femmes en utilisant comme base d'analyse le film argentin *Leonera* (2008). Il y a quelques années les images produites par le cinéma ont attiré l'attention des géographes qui affirment que les films sont caractérisés comme des intéressants champs d'études pour la Géographie. L'espace de prison, malgré d'être négligé, est un riche champ de recherche, dont comporte des pratiques les plus dynamique et diverse. Pour la grande majorité de l'audience, l'un de seul moyens de connaître l'espatialité du prison est à partir de quelques films comme ce que nous avons examinés. Cela montre, en particulier l'importance des films dans divers aspects de notre vie quotidienne, et aussi, de leur pertinence à l'analyse scientifique. Nous avons utilisé des propositions présentées par la Géographie Feminist, la plupart des discussions relative spécialement, à la notion de genre, pour discuter l'espace carcéral des femmes, arguant que les spatialités sont expérimentées de façon antagoniste par différentes personnes. Nous avons conclu que l'espace carcéral construite pour le film is dymanic, moulé à partir d'éléments singuliers, comme le pouvoir, la violence, l'amitié et la maternité.

Mots - Clé: L'espace de Prison, Cinema, Genre, Pouvoir

Considerações iniciais: Geografia, cinema e cárcere

Este artigo tem por objetivo trazer uma discussão acerca das espacialidades carcerárias a partir de um campo analítico específico, ou seja, o cinema. Para tanto, elegemos como foco de nosso interesse uma produção filmica em especial, a película argentina *Leonera* (2008). Optamos por essa produção devido ao fato de que ela tem sua trama desenvolvida especificamente em espaços carcerários.

Outro fator também se mostrou imperante. Os espaços carcerários não fazem parte do temário científico, e mais raros ainda são os trabalhos com caráter especificamente geográfico. Da mesma forma, esses espaços são de difícil acesso o que, consequentemente, os torna desconhecidos por grande parte da população. Sendo assim, acreditamos que o olhar que a maioria da audiência desenvolve sobre os cárceres são provenientes de filmes como o qual abordamos nesse artigo. Essa reflexão se torna

importante, uma vez que acreditamos que, assim como outras formas de comunicação visual, o cinema também possui a capacidade de intervir em nossa realidade, ou se podemos colocar dessa forma, de nos auxiliar a construir opiniões e visões sobre determinados assuntos.

Nos últimos anos alguns pesquisadores vêm voltando seu olhar para as imagens produzidas pelo cinema, apontando que estas são um interessante viés para análises geográficas. Com as discussões e inovações trazidas pela Nova Geografia Cultural somos capazes de discutir temáticas inéditas e ousadas, tendo como aporte metodologias variadas e coerentes (CLAVAL, 1999). A abertura que esse sub - campo nos confere é um extraordinário estímulo de valorização a problemáticas de pesquisas até então negligenciadas. Temáticas inovadoras são relevantes na medida em que incitam o processo de renovação das discussões já estabelecidas e até mesmo criam novas metodologias originais (GOMES, 2008). As espacialidades construídas pelas tramas filmicas encontram-se inseridas nesse *hall* de novas temáticas.

Na apresentação de uma de suas obras, Castro, Gomes e Corrêa (1997) nos trazem que a Geografia sempre esteve associada à ideia das explorações. Essas descobertas, anteriormente realizadas principalmente por viajantes e cosmógrafos enfatizavam a aventura de se deparar com o novo, com o desconhecido. A aventura de explorar, de descobrir, não cessou, apenas apresentou uma profunda mudança em seu sentido. Os ‘novos mundos’ da atualidade não são mais representados por terras desconhecidas e locais nunca visitados, mas sim, são extratos do nosso cotidiano, descobertos a partir de novas formas de olharmos, de concebermos e relacionarmos esses aspectos com novos percursos temáticos.

Para os autores, nossas explorações geográficas atuais se remetem diretamente a ideia de repensar antigos processos de conhecimento para assim concebermos novos aspectos, novos posicionamentos e novas abordagens. Ou seja, a aventura da descoberta continua, apenas com diferentes pretensões e instrumentos. Novas temáticas em diferentes contextos são exploradas. O desafio desse artigo é pensar geograficamente imagens produzidas pelo cinema, evidenciando, da mesma forma, que estas podem se constituir enquanto um rico quadro de referência para análises geográficas, ou, utilizando a ideia dos autores, enquanto um ‘novo mundo’ a ser explorado.

Da mesma forma, novos posicionamentos epistemológicos vêm colocando

abaixo ideias consolidadas e limitadoras na Geografia permitindo, assim, que um leque ainda maior de fenômenos e temáticas possam ser discutidos com legitimidade e principalmente, com um caráter essencialmente geográfico. Gomes (2010) propõe que não existe um conceito essencial que possa caracterizar, ou colocando de outra forma, que seja capaz de conferir identidade epistemológica à Geografia. Podemos analisar qualquer fenômeno geograficamente, desde que a ordem espacial se apresente enquanto elemento central em nossa reflexão.

A partir da leitura de outra obra do geógrafo podemos observar a evolução e diferenciação das formas de abordagens e concepções da Geografia científica (GOMES, 1996). Essa disciplina, assim como as demais, teve seus métodos e conceitos desenvolvidos a partir de uma íntima relação com o contexto espacial, social, cultural, econômico e político vigente. Determinadas abordagens foram valorizadas, bem como, diversas noções conceituais e mesmo temáticas foram transformadas e repensadas ao longo dessa trajetória.

Quando observamos a história da Geografia científica percebemos que determinadas temáticas foram esquecidas, limitando a agenda da disciplina a assuntos que, se já não estão esgotados, vêm se extenuando a cada nova publicação. Com o intuito de conferir novos ânimos à ciência geográfica alguns pesquisadores vêm se esforçando para trazer novas perspectivas analíticas, bem como, novas metodologias.

As discussões acerca das produções filmicas, ou dos materiais imagéticos em geral, se apresentam dessa forma, ou seja, enquanto uma nova potencialidade para expandirmos nosso escopo de interesses. Para a Geografia essa união é valiosa, uma vez que, o espaço geográfico, não entendido em nossa perspectiva enquanto objeto sacralizado dessa ciência, mas sim, como um de seus conceitos – chave é condição essencial para que as tramas filmicas ocorram.

Os espaços filmicos começaram a intrigar os geógrafos a partir da última década, quando observamos um crescente número de pesquisas de mestrado e doutorado relacionados ao cinema. Da mesma forma, essa temática também tem sido incorporada a mesas de discussão em alguns dos mais importantes eventos, relacionados especialmente à Nova Geografia Cultural. Essa corrente da Geografia vem sendo caracterizada pelos pesquisadores filiados a ela como um sub – campo que confere maior abertura e criatividade às pesquisas geográficas, englobando em seu escopo temas

ousados e inéditos. Não é nosso objetivo aqui entrar em uma profunda discussão acerca das proposições da Nova Geografia Cultural, apenas demonstrar que esse sub - campo vem abraçando novas discussões, dentre as quais, podemos encontrar as análises relacionadas às produções filmicas.

O interesse da Geografia pelo cinema é recente, tendo maior expressividade ao longo da década de 2000. Em pesquisa realizada na Biblioteca Digital Nacional de Teses e Dissertações no portal do Instituto Brasileiro de Informação de Ciência e Tecnologia – IBICT – e do Banco de Teses da página virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES – com as palavras chave ‘Geografia e Cinema’, verificamos apenas treze trabalhos relacionados com a temática. Ou seja, ainda existe um grande caminho a ser percorrido para que as discussões acerca das imagens produzidas pelo cinema sejam consolidadas na agenda da Geografia. Esse artigo se apresenta, portanto, enquanto mais uma contribuição a esse processo. Da mesma forma, esperamos que o leitor seja capaz de vislumbrar uma nova possibilidade para se ‘fazer’ geografia.

As imagens estão presentes em todas as formas de relações sociais, sendo em determinadas situações, utilizadas mesmo na substituição de palavras e, em contrapartida, a Geografia tem dedicado limitado interesse pelas questões visuais. Rose (2001) alerta para o fato de que nós, cientistas sociais, necessitamos desenvolver a capacidade de interpretar e compreender imagens, uma vez que elas se constituem enquanto importantes meios através dos quais a vida cotidiana se desenvolve. A autora defende que não devemos esquecer que as linguagens visuais, na qual ela inclui as produções filmicas, não são inocentes, muito pelo contrário, são construídas mediante uso de várias práticas, tecnologias e conhecimentos.

Para a autora é importante o desenvolvimento de uma metodologia crítica, ou seja, que leve em consideração a capacidade que as imagens têm em intervir no mundo. Apresentando vários métodos capazes de dar inteligibilidade a uma imagem, a autora discute a importância de considerarmos o ‘agenciamento da imagem’, ou seja, como já dito, sua capacidade de intervir no mundo, considerando as práticas sociais e os efeitos que elas produzem.

É interessante fazer uma pequena pausa nesse momento para afirmar que o olhar que nós, cientistas, temos com relação a um filme é completamente diferente da

audiência em geral. Além de nossas ideologias e capital cultural, observamos as imagens, os cenários filmicos, a partir de um olhar próprio, treinado para análises geográficas. Essa também é uma das grandes contribuições da Geografia.

Vários autores como, Duncan e Ley (1997), Cosgrove e Daniels (1988) e Panofsky (1979) vêm nos apontando metodologias de interpretação de produções visuais que vão desde uma iconografia da paisagem até noções de semiologia e aproximações antropológicas com a pertinência social das imagens. Compartilhamos das ideias de Rose (2001) quando a autora nos traz que não existe um método que se sobreponha a outro. Existem sim, metodologias que são mais apropriadas aos estudos de determinadas imagens, sempre levando em consideração o objetivo de pesquisa.

Utilizaremos como base de análise o conceito de cenário proposto por Gomes (2008). O autor aponta que esse conceito é uma interessante possibilidade explicativa, bem como uma possível interconexão entre a Geografia e o cinema, uma vez que busca revelar o conjunto de figurações espaciais e suas relações com a estrutura narrativa. Esse conceito desenvolvido pelo autor nos confere a possibilidade de conferirmos inteligibilidade às imagens de uma maneira, essencialmente, geográfica.

Nosso texto se constrói da seguinte forma. Primeiramente trazemos uma discussão acerca de algumas proposições teóricas que nos serviram enquanto eixo norteador para problematizar os espaços carcerários, evidenciando da mesma forma, que existe uma maneira especificamente geográfica para fazê-lo. Apoiamos-nos principalmente nas ideias trazidas por autores como Foucault (2007), Goffman (1988), Corrêa (1995), Gomes (1997), Massey (1999) e Silva (2009). Corrêa (1995) e Gomes (1997) são centrais em nossa reflexão uma vez que defendem que o espaço, ou, a ordem espacial, é questão central para a compreensão de determinados fenômenos, e que, da mesma forma, é a partir dessa premissa que podemos analisar qualquer temática de forma geográfica.

Da mesma forma, as proposições trazidas pelas duas últimas geógrafas são interessantes e inovadoras uma vez que, se podemos colocar dessa forma, acrescentam novos elementos para a análise e compreensão do espaço. Pautadas nas perspectivas feministas da Geografia, ambas defendem a incorporação do conceito de gênero na agenda das pesquisas geográficas, concluindo que este se mostra relevante na medida em que as espacialidades são construídas e vivenciadas de forma antagônica por

diferentes sujeitos, sendo o gênero um fator de peso nessa dinâmica. Essa questão será mais bem desenvolvida na segunda seção desse artigo.

Em um segundo momento, trazemos essas discussões especificamente para o filme que escolhemos, *Leonera* (2008), apontando que apesar de toda a vida regrada e formalmente administrada, as espacialidades carcerárias se constroem, antes de tudo, a partir da vivência cotidiana dos sujeitos envolvidos, os quais burlam, interferem, subvertem e paradoxalmente, absorvem e reafirmam as normas estabelecidas.

É interessante colocar que não objetivamos, de forma alguma, que nossas proposições sejam tomadas de forma absoluta ou autoritária. São reflexões desenvolvidas a partir de contextos específicos, com práticas próprias, as quais estão intimamente relacionadas com as espacialidades construídas pelo filme investigado.

Sobre os cárceres: uma temática pertinente à Geografia?

Mas afinal, o que pode haver de comum entre o cárcere e as discussões científicas da Academia? De que forma poderíamos compreender as dinâmicas carcerárias a partir de uma visão especificamente geográfica? O que relaciona essas dinâmicas com as discussões de gênero? Nosso desafio nesse artigo é evidenciar que, essa temática, discutida por alguns pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, possui um elemento central que nos autoriza a discuti-la: o espaço.

Como afirmou Santos (2008), todas as relações sociais são espaciais, e, portanto, impossíveis de serem compreendidas fora de suas espacialidades. Os espaços carcerários se constroem dessa forma. Vamos tratar do cárcere neste artigo como um espaço construído e, portanto, também desconstruído, através de fluxos de relações.

O conceito de espaço teve diversas abordagens ao longo da história da ciência geográfica, tendo sido desprezado e revalorizado de acordo com o contexto científico vigente. Compreendido enquanto matriz, simbólico, campo de lutas e condição social, (CORRÊA, 1995), as abordagens sobre espaço sempre foram plurais, mostrando assim, que a razão dessa pluralidade é a mesma da existência da ciência (GOMES, 2010). Em nossa reflexão vamos compreender o espaço através dessa noção de pluralidade, de multiplicidade.

Massey (1999) afirma que existem várias maneiras de imaginarmos o espaço.

Ela defende três elementos essenciais através dos quais podemos re-imaginar o espaço, trazendo também seu intrínseco caráter político, o qual vem sendo negligenciado em diversas abordagens. Esses três elementos apontados por Massey (1999) não objetivam trazer uma definição fechada, completa do espaço. Muito ao contrário, sua ideia é exatamente a oposta. Entender o espaço como sempre em construção, como mutável, como fluido é uma forma de compreendê-lo em sua dinâmica, sempre aberto. Nas palavras de Massey (2008)

“ Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. (Esta é uma proposição que não surpreenderá a todos os que têm lido a recente literatura anglófona.) Segundo, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se o espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações – entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca fechado”. (MASSEY, 2008, p. 29)

Concebemos, assim, em nossa reflexão, o espaço carcerário enquanto um produto de inter-relações, como a esfera que possibilita a coexistência da multiplicidade, sempre em construção. Da mesma forma, compreendendo que ele se constitui a partir de uma dimensão simbólica e de uma física material (GOMES, 2001), a qual interfere e condiciona as práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos na dinâmica.

O espaço enquanto elemento fundamental na constituição das identidades, sendo da mesma forma, transpassado por elas. Como já afirmamos anteriormente, as espacialidades não são vivenciadas da mesma forma por todos os sujeitos. Os espaços carcerários se configuram exatamente dessa maneira. Observamos essa espacialidade como proveniente da junção de diversas corporalidades, cada uma delas apresentando características específicas, maneiras específicas de ver o mundo.

Sempre mutável, sempre se construindo, se re-configurando, com múltiplos sujeitos, coexistindo em harmonia ou não. Um sistema aberto. Optamos por essa definição de espaço/espacialidade não por ela ser a única verdadeira, mas por recusar as formulações hegemônicas previamente estabelecidas, principalmente na ciência

geográfica brasileira, se abrindo assim, para a possibilidade do novo, de novas perguntas, enfim, de novas maneiras de fazermos ciência.

A ideia do cárcere sempre existiu em nossa sociedade, de uma forma ou de outra, como punição ou como meio para que ela aconteça. Foucault (2007) apresenta a evolução do sistema penal na sociedade em suas múltiplas facetas. Para o autor, a base desse sistema está fundamentada em mecanismos para se fazer punir, articulados pela sociedade, chamados pelo autor de dispositivos de vigilância, os quais são produtos de determinados contextos políticos, econômicos e culturais, se modificando, da mesma forma, mediante a mudança da sociedade.

Para o autor, a prisão, em sua forma atual, foi o resultado de uma longa e lenta transformação nas formas de punição elaboradas e repensadas ao longo da história da sociedade moderna. Em sua genealogia sobre as formas de poder e punição, ele afirma que a prisão no sistema penal dos séculos XVII e XVIII não se apresentava enquanto uma pena do direito, ou seja, quando a lei punia um determinado indivíduo, sua punição seria a condenação a morte, a ser marcado, banido, etc..

A prisão em si não era uma punição. A extinção das formas de punição corpóreas, denominadas de suplício, foi a característica fundamental para a mudança em toda a maquinaria punitiva no século XVIII. O corpo, supliciado, marcado simbolicamente, era o alvo dos dispositivos de punição. O corpo como espetáculo, como garantia de exemplo social.

Em uma perspectiva similar, Carvalho Filho (2002) discute que a origem das prisões está intimamente relacionada não com a punição em si, mas com a garantia para que ela ocorra. Como discute o autor, os réus não eram condenados a perda de sua liberdade. Mas sim, eram privados dela para viabilizar a punição imposta, que ia de realização de trabalhos forçados até a pena de morte. Nesse sentido, não havia necessidade de se preocupar com as condições de vivência nas prisões, bastava que fossem inexpugnáveis. É interessante observar que, ainda hoje, mediante a mudança em toda a estrutura da maquinaria punitiva, as condições dos espaços carcerários permanecem, indubitavelmente, precárias.

A partir do século XVIII, a natureza da prisão se modifica, assemelhando-se cada vez mais com o modelo instituído que conhecemos atualmente. Com as novas necessidades econômicas surge também a necessidade de se considerar a ‘humanidade’

até dos piores assassinos. Esquecemos os corpos e passamos então para as almas.

Essa é, como discute Foucault (2007), a principal característica da nova economia do poder. A privação da liberdade, direito garantido a todos, se transforma então na mais moderna e humana forma de punição. Com essa nova configuração dos dispositivos de punição, surge a chamada forma – prisão, com moldes que permanecem até hoje. Nas palavras do autor,

“ A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constitui fora do aparelho judiciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza”. (FOUCAULT, 2007, p. 195)

Mesmo que a intenção de Foucault (2007) não tenha sido a de enfatizar a evolução do sistema de punição a partir de moldes geográficos, percebemos que, mesmo implicitamente, o autor acabou por “esbarrar”, se assim podemos afirmar, em algumas ideias da Geografia, na medida em que sua concepção acerca da “forma-prisão” leva em consideração a distribuição espacial de sujeitos para, dessa forma, remodelar seus comportamentos cotidianos. A similaridade com a proposição de espaço propostas por Gomes (2001) é nítida.

Uma das finalidades desse novo sistema é a vigilância. Percebe-se então, que é mais lucrativo vigiar do que punir. Ou seja, percebe-se que os delinqüentes têm uma finalidade. Então, por que dilacerarmos seus corpos, tornando-os assim, inúteis para qualquer outro tipo de atividade? É isso que Foucault (1969) mostra. É o reajustamento nas formas de punição, uma nova mecânica do poder que vê nos corpos encarcerados, novas utilidades.

A partir disso, o autor compreende que a prisão sempre esteve ligada a um processo baseado na transformação de indivíduos, no treinamento de seus corpos, na readequação de sua conduta, conduta essa que deve ser compatível com as configurações socioespaciais vigentes.

Essa readequação de conduta, de comportamento, está pautada principalmente na vivência de um espaço regado, controlado, vigiado. Outra vez, percebemos o quanto as noções espaciais da Geografia estão presentes nas ideias do autor. Em suas palavras,

“ Minha hipótese é que a prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos. Habitualmente se acredita que a prisão era uma espécie de depósito de criminosos, depósito cujos inconvenientes se teriam constatado por seu funcionamento, de tal forma que se teria dito ser necessário reformar as prisões, fazer delas um instrumento de transformação dos indivíduos. Isto não é verdade: os textos, os programas, as declarações de intenção estão aí para mostrar. Desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto à escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos.” (FOUCAULT, 1969, p. 131)

Essa ideia apresentada por Foucault (1969) é muito semelhante à apresentada por Goffman (1988). O espaço carcerário faz parte do que o autor denomina de “instituições totais”, ou seja, um local onde certo número de indivíduos é mantido afastado da sociedade por um determinado período de tempo levando uma vida regrada e formalmente administrada. Para Goffman (1988), as instituições totais são discordantes a diversos aspectos da vida social, tais qual a família, as redes de relacionamentos pessoais e também as características que formam e instituem as identidades dos sujeitos.

Goffman (1988) discute que existem cinco tipos fundamentais de instituições classificadas por ele como “totais”, as quais podem ser divididas nas seguintes categorias,

“ Em primeiro lugar, instituições criadas para cuidar das pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. Em segundo lugar, há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias dos empregados). Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros claustros. ” (GOFFMAN, 1988, p. 16-17)

Goffman (1988) afirma que esses cinco modelos fundamentais de instituições

podem ser concebidos enquanto híbridos sociais, ou colocando de outra forma, como experimentos naturais do que se pode fazer com identidades individuais. Esta questão foi, pois, fortemente explorada pelo autor, uma vez que, sua ideia central é de que essas instituições, e no caso desse artigo, as prisões, são constituídas de forma a, se não destruir completamente, ao menos deteriorar as características identitárias dos ‘internados’ no momento de sua chegada.

Observamos, entretanto, que apesar dessa vida regrada, administrada, vigiada, os sujeitos encarcerados encontram meios de subverter essa ordem estabelecida, mantendo em sua vivência cotidiana elementos da exterioridade. É isso que defendemos em nossa reflexão. Os autores que usamos para nos fornecer um eixo norteador parecem ter se esquecido de um aspecto fundamental: a complexa espacialidade do cárcere não se constrói apenas a partir de elementos normativos. Muito pelo contrário, são antes de tudo, construídas pelas pessoas que vivem ali, sujeitos esses, que interferem, burlam e modificam toda a lógica de poder instituída pelos órgãos oficiais. São, principalmente, as vivências cotidianas das pessoas encarceradas que constituem esse espaço enquanto tal, e não apenas discursos oficiais (FIORAVANTE, 2011a).

Nosso objetivo não é trazer um discurso que possa evidenciar apenas características formais dos espaços carcerários. Mas sim, defender que é de extrema importância levar em consideração as vozes das pessoas que estão intrinsecamente relacionadas a eles, ou seja, os próprios presidiários.

Devemos também levar em consideração que a vivência do cárcere, assim como qualquer outra experiência espacial, é perpassada por especificidades de gênero, classe, sexualidades, raça/etnia entre outras. Ou seja, a espacialidade carcerária é vivenciada de forma diferente por homens, mulheres e mais ainda, por mulheres e homens com determinada renda, com determinada raça, bem como, com específicas performances de sexualidades.

O conceito de gênero aparece assim, como importante ferramenta conceitual, metodológica e também política, proporcionando uma nova leitura da realidade socioespacial. Silva (2003) discute que a utilização do conceito de gênero como ferramenta explicativa confere uma análise mais complexa e profunda do espaço geográfico, pois traz elementos ignorados pela Geografia Tradicional brasileira.

Para este artigo utilizamos as ideias de Silva (2005) acerca da potencialidade do

conceito de gênero para a ciência geográfica. A autora discute que o conceito de gênero traz consigo valiosos elementos de pluralidade e multidimensionalidades, englobando aspectos esquecidos pela ciência geográfica brasileira tradicionalista. Entendemos o conceito de gênero enquanto uma representação, e sendo assim, diferenciado temporal e espacialmente. Ou seja, o gênero enquanto uma ficção reguladora, um mecanismo que regula a existência e noção do que é feminino e masculino.

É importante atentar para o fato de que essas construções identitárias não são abstratas, pois são as pessoas em suas ações cotidianas que constroem essa realidade, dando a ela a ideia de uma naturalidade (BUTLER, 2003 e 2004). Como já dito anteriormente, o espaço é permeado por relações de gênero, sendo estas, re-significadas e re-elaboradas nas relações socioespaciais cotidianas.

Podemos observar a expressão das especificidades de gênero até mesmo no momento de criação das primeiras casas de detenção para mulheres. Na América Latina, as primeiras casas de correção não provinham de iniciativas estatais, mas sim, da ação filantrópica de grupos religiosos. Aguirre (2009) discute que as irmãs da congregação do Bom Pastor administravam casas de correção feminina em Santiago no Chile no ano de 1857, em Lima no ano de 1871 e em Buenos Aires no ano de 1880.

Essa associação com órgãos religiosos possivelmente provinha da própria interpretação da criminalidade feminina. As mulheres, por seu caráter, influenciável e fraco, necessitavam de um ‘tratamento’ mais ameno, mais comedido que o masculino. Não tão rígido, não tão militarizado, uma vez que, como sugere Caimari (1997), as mulheres eram vistas como criminosas ocasionais. Ou seja, em um momento de irracionalidade cometiam crimes. Aguirre (2009) afirma que,

“ As prisões e casas de correção de mulheres se guiavam pelo modelo de casa-convento: as detentas eram tratadas como se fossem irmãs desgarradas que necessitavam não de um castigo severo, mas de um cuidado amoroso e bons exemplos. A oração e os afazeres domésticos eram considerados fundamentais no processo de recuperação das delinqüentes. As detentas eram obrigadas a trabalhar em tarefas “próprias” do seu sexo (costurar, lavar, cozinhar) e, quando se considerava apropriado levavam-nas para trabalhar como empregadas domésticas nas casas de família decentes, com a finalidade de completar sua “recuperação” sob a supervisão dos patrões.” (AGUIRRE, 2009, p. 52)

O espaço carcerário é dinâmico. É permanentemente re-configurado a partir de saídas, de novas chegadas e obviamente de um reajuste nas relações de poder vigentes.

Não deve e nem pode ser interpretado a partir de uma única história ou voz que possa representá-lo de forma única. Como discute Massey (2008, p.161), o “espaço, então, não pode ser, jamais, aquela simultaneidade completa na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas, na qual cada lugar já está (e nesse momento imutavelmente) ligado a todos os outros.”

Sempre sendo feito, sempre sendo construído e reconstruído através da chegada e saída de novas corporalidades. O que gostaríamos de aprofundar é a influência dessa dinâmica na própria constituição da espacialidade. As práticas cotidianas de sujeitos sofrem interferência da espacialidade na qual estão inseridas, da mesma forma, como a interferem. No exato momento em que uma nova corporalidade entra no espaço carcerário, este sendo previamente moldado de acordo com as interconexões e relações de poder já existentes, se re-configura completamente. Novos ritos, novas interconexões, novas coexistências entram em ação. Isso é infinito (FIORAVANTE, 2011a).

Trabalhar com campos científicos que não estão consolidados e que ainda geram polêmicas no mundo acadêmico nos traz alguns desafios. Além da sensação de angústia e medo em determinados momentos, a motivação é muito maior quando fazemos uma coisa ainda não feita. Olhar o mundo através de outras lentes, descobrindo e trazendo à tona suas particularidades e especificidades, é maravilhoso, especialmente para uma/um pesquisadora/or.

Esperamos que o leitor tenha conseguido perceber o quanto os espaços carcerários podem ser interessantes para análises geográficas, análises estas que podem ser realizadas a partir das mais diversas formas, das mais variadas metodologias. A perspectiva que desenvolvemos neste artigo, ou seja, a relação entre as espacialidades carcerárias com as produções cinematográficas é apenas uma delas. Esse campo é riquíssimo e não deve ser ignorados por pesquisadores que buscam novas formas de pensar a Geografia.

Sobre *Leonera*: criminalidade, gênero e maternidade

O filme argentino *Leonera* (2008) nos traz a história de Júlia Zárate (interpretada por Martina Gusman), uma mulher que é enviada a uma penitenciária para mães e

grávidas sentenciadas, pelo assassinato de seu namorado. Nas primeiras cenas do filme, observamos que a personagem se mantém reclusa, mas na medida em que os dias passam, ela acaba por se integrar completamente as dinâmicas carcerárias, adquirindo até mesmo marcas corpóreas que a identificam enquanto presidiária.

O filme é pesado, intrigando o espectador principalmente devido ao fato de que a personagem não sabe se é culpada ou não. Outro fator chocante é a representação da maternagem em um espaço carcerário, nos levando a questionar diversos aspectos acerca da criminalidade e prisão de mulheres. A criminalidade feminina é um fenômeno em ascensão no Brasil, ganhando maior expressividade ao longo das últimas duas décadas. Entretanto, essa temática ainda é periférica na agenda da Geografia, demonstrando a impermeabilidade da ciência geográfica brasileira a determinados fenômenos (FIORAVANTE, 2011b).

Discutir a participação de mulheres em ambientes criminais e mesmo a vivência feminina dos espaços carcerários ainda é temática delicada, mesmo para pesquisadoras/es feministas. Badinter (2005) discute a criminalidade feminina e a dificuldade que alguns pesquisadores ainda encontram frente à temática. Possivelmente por colocar em dúvida a premissa de que as mulheres são seres frágeis e indefesos, pesquisar aspectos como a criminalidade e o cárcere feminino seja tão difícil.

A autora discute de forma honesta a violência cometida por mulheres e nos lança o desafio de por ao lado a segurança que a vitimização confere às mulheres e encarar esse fenômeno com maturidade, questionando se a violência feminina é uma resposta a dominação masculina, ou se ela simplesmente pode ser genuína.

Para Badinter (2005) tanto nos períodos de extrema violência, como genocídios e massacres, quanto no cotidiano, às mulheres podem, sim, tornarem-se violentas, ou seja, matam por interesses próprios ou sadismo. Sendo assim, a tentativa de explicar a violência feminina trazendo à culpa a dominação masculina é uma forma falida e pouco, ou nada, contribui para a ‘libertação’ das mulheres. Muito pelo contrário, apenas perpetua a visão indefesa e angelical das mulheres, visão esta que vem sendo utilizada há muito tempo como justificativa para a ‘demonização’ da sexualidade masculina. A autora conclui que:

“Ao querer ignorar sistematicamente a violência e o poder das mulheres, ao proclamá-las constantemente oprimidas e, portanto, inocentes, traça-se em negativo o retrato de uma humanidade cindida em dois e pouco conforme à verdade. De um lado, as vítimas da opressão masculina, do outro, os carrascos onipotentes. Para lutar contra essa situação, vozes feministas cada vez mais numerosas investem contra a sexualidade masculina, apontada como a raiz do problema. Ao fazê-lo, elas delineiam os contornos de uma sexualidade feminina em contradição com a evolução dos costumes e redefinem uma ‘natureza feminina’ que acreditávamos esquecida.” (BADINTER, 2005, p. 92)

Quando analisamos a criminalidade feminina utilizando o conceito de gênero como elemento metodológico, temos uma perspectiva crítica capaz de dar inteligibilidade à aceitação desse fenômeno por parte da população. A identidade feminina está sobrecarregada de estereótipos construídos culturalmente, os quais constroem a sociedade a esperar certas atitudes e determinados papéis pré-estabelecidos quanto ao ‘ser mulher’.

Da mulher se esperam a passividade, a gentileza e a docilidade, ‘qualidades’ estas nem sempre são acentuadas e/ou facilmente perceptíveis nas mulheres envolvidas no ambiente criminal e mesmo nas reclusas em penitenciárias e cadeias. Assis e Constantino (2002) discutem sobre esse imaginário social construído em torno das mulheres e da criminalidade feminina. Segundo elas, essa noção de “fragilidade” feminina é de tal maneira consolidada, que algumas mulheres em inúmeras situações acabam por não receber a punição apontada pelo Código Penal Brasileiro.

O presídio para o qual a personagem Júlia é enviada apresenta diversas alas, ou utilizando a terminologia adequada, diversas galerias. Seu cotidiano se passa quase que inteiramente na galeria para grávidas e mães sentenciadas. A seguir, apresentamos uma figura extraída do filme apresentando um panorama geral do espaço físico do Presídio.



Figura 1 – Panorama físico-espacial do Presídio
FONTE: Filme Leonera (2008)

Podemos observar a partir da arquitetura física do espaço carcerário, que uma de suas finalidades é a total segregação e controle dos indivíduos, como nos lembra Foucault (2007). Utilizando as reflexões de Santos (1985), podemos analisar esse espaço a partir das categorias de forma, função, processo e estrutura. Entretanto, percebemos que sua dinâmica está mais conectada com a instituição de redes de relações cotidianas entre as presidiárias, do que necessariamente com suas formas materiais. Colocando de outra forma, percebemos que as premissas relacionadas à forma física do cárcere são em muitas ocasiões subvertidas, burladas e reconfiguradas pelas práticas das internas, mas que, paradoxalmente, são absorvidas e reafirmadas por elas.

Uma das mais interessantes características do universo prisional feminino é a questão da maternagem, uma vez que esta não é tão presente e óbvia nos espaços masculinos. O filme retrata essa dinâmica de forma espetacular. Não é raro observarmos que, de forma direta ou não, os filhos das detentas costumam estar envolvidos nos ambientes prisionais, aproximação essa que se dá principalmente pela insistência da ação feminina (FIORAVANTE, 2011a).

A vivência do espaço carcerário é relatada por diversos autores como de afastamento dos espaços anteriormente vivenciados. A família se re-organiza e, em geral, a mulher encarcerada acaba sendo substituída por outra, tanto em relação aos

relacionamentos maritais quanto maternos. As visitas de parentes e membros da família ao espaço do cárcere a fim de manter os vínculos das redes familiares são dificultadas.

Há casos em que as próprias mulheres evitam as visitas de filhos, a fim de protegê-los do constrangimento das revistas realizadas por policiais que exigem a retirada de roupas e, inclusive, averiguação dos corpos. Em algumas cenas da película podemos observar os constrangimentos que esses sujeitos sofrem durante a revista de corpos, constrangimento este acentuado no caso feminino, com a realização de práticas como agachamento, por exemplo.

Os cônjuges e parceiros amorosos também se afastam. Com o passar do tempo, constroem novos relacionamentos e abandonam as mulheres que vivem em situação de cárcere. As relações maternas também são prejudicadas em função da falta de infraestrutura adequada nos presídios femininos.

Como discute Rita (2009), são poucos os estudos que discutem a questão da participação de crianças em espaços carcerários. Essa dinâmica levanta questionamentos acerca da responsabilidade do poder público em prover uma assistência diferenciada às mães presas e às suas crianças. No Brasil, é garantido pela Lei de Execuções Penais – Lei 9.046, de 18 de maio de 1995 – o direito das mães de permanecerem com seus filhos durante o período de amamentação (seis meses de idade), bem como prevê a construção de berçários nas instituições femininas para realização dessa prática. Obviamente, existe um grande descompasso entre a realidade e a estrutura legal.

Em *Leonera*, as crianças permanecem com as mães no cárcere até os quatro anos de idade, quando são retiradas e entregues a familiares ou a órgãos competentes quando na ausência desses. O que observamos no filme é que a morfologia física espacial de frieza do espaço carcerário é amenizada com a presença infantil, como podemos observar na figura a seguir.



Figura 2 – O cárcere feminino em *Leonera*
FONTE: Filme *Leonera* (2008)

Em uma pesquisa realizada com as mulheres encarceradas na cidade de Ponta Grossa, Paraná, constatamos que a grande maioria delas, um total de 80% das presas afirmaram que perderam algumas de suas redes de relacionamentos, sendo que desse total, 97% relataram que esse rompimento está relacionado especificamente a seus laços maritais, permanecendo sua relação com os filhos e com a figura materna intacta. No filme, observamos essa mesma dinâmica, ou seja, os laços de afetividade com os filhos permanecem, mas os vínculos com outros familiares e amigos são perdidos no momento do encarceramento.

No filme podemos observar outra especificidade dos espaços carcerários femininos, o cuidado com a arrumação e decoração das celas, obviamente na medida do possível de suas condições. Não é raro constatarmos que as celas femininas aparentam maior cuidado e até mesmo higiene do que as masculinas, sendo decoradas com fotos de familiares e filhos. Observa-se também que o espaço carcerário vivenciado pelas presas parece ser menos deprimente do que o cenário da prisão masculina apresentado em uma cena em que a personagem principal visita seu companheiro também preso. As figuras a seguir representam essa especificidade dos cárceres feminino.



Figura 03 – Cella feminina no filme *Leonera*
FONTE: Filme *Leonera* (2008)

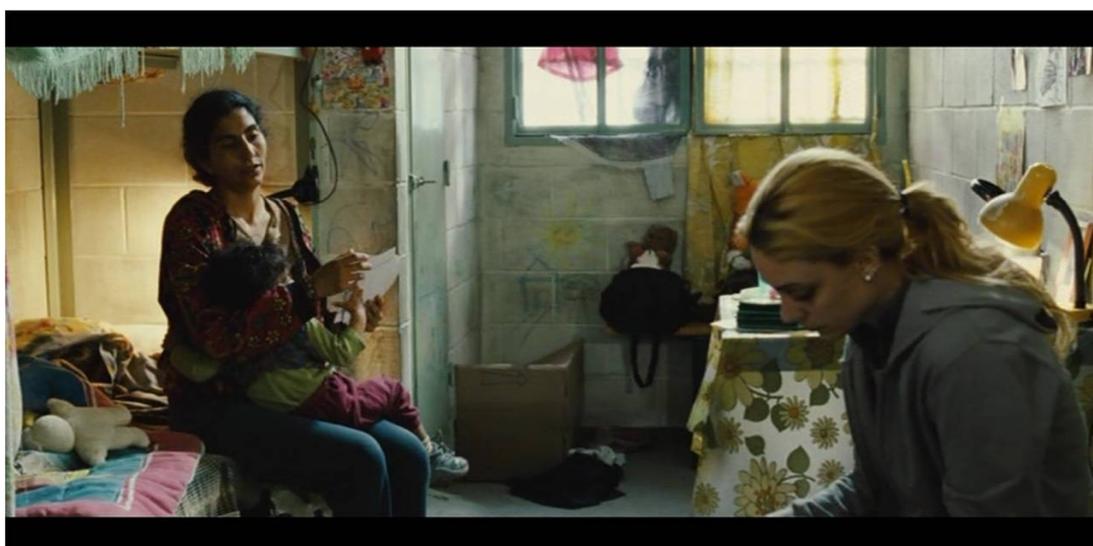


Figura 04 – Cella feminina no filme *Leonera*
FONTE: Filme *Leonera* (2008)

Podemos observar na figura acima a presença de brinquedos e desenhos utilizados como uma forma de amenizar a psicosfera de tristeza da espacialidade carcerária. É interessante comentar que a espacialidade do cárcere, como qualquer outra, é permeada por relações de poder, compreendida nesse artigo a partir dos moldes de Foucault (1988):

“ Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma o corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.” (FOUCAULT, 1988, p. 102-103)

O cárcere possui regras específicas a serem cumpridas. Regras que não estão escritas formalmente, mas são exercidas e reconhecidas por quem entra na dinâmica de relações que constituem o espaço carcerário, como podemos observar no discurso da carcereira quando a personagem Júlia ingressa no cárcere.

Nesse sentido, há uma série de formas de exercício de poder que se sobrepõem umas as outras em feixes de relações cruzados. São as regras formais do cárcere, dos agentes penitenciários, do direito penal e assim por diante, que somam - se com as regras da vida cotidiana do cárcere.

Nessa perspectiva, não há níveis hierárquicos, mas mesclas de relações de diferentes características que se cruzam e interpõem. Ainda segundo as ideias de Foucault (1988), não devemos procurar a existência de um ponto central, um foco único de soberania de onde se emana o poder. Muito pelo contrário. O poder está em toda parte, provém de todos os lugares, sendo o suporte das correlações de força, as quais devido a sua desigualdade induzem continuamente a novas configurações de poder, sempre localizados e instáveis.

Em *Leonera* observamos que uma das presas tem papel central nas dinâmicas do espaço carcerário do filme. A personagem da detenta Marta se constrói no filme enquanto líder, apaziguando conflitos e controlando grande parte das dinâmicas cotidianas do cárcere. É válido colocar que apesar da espacialidade carcerária do filme ser repleta de elementos que fazem alusão à infância e à docilidade infantil, a película apresenta também cenários de violência, os quais desconstruem, em parte, a imagem previamente construída da espacialidade. A figura a seguir representa um desses cenários.



Figura 05 – Cenários de violência em *Leonera*
FONTE: Filme *Leonera* (2008)

Como afirmamos anteriormente, a espacialidade do cárcere é repleta de relações de poder, as quais são subvertidas pelas detentas, mas que ao mesmo são absorvidas pelas mulheres encarceradas. Podemos observar a interessante transformação da personagem Júlia ao longo do filme. Sua gradual integração a espacialidade carcerária se reflete, no decorrer no filme, não apenas em seu discurso, mas também em sua corporalidade.

Nos últimos minutos do filme, a personagem, encarcerada há vários anos, aparece completamente diferente do que era no início da película. Com cabelos curtos, tatuagens e expressão dura, representa que está inteiramente inserida na espacialidade do cárcere, na qual se torna uma das líderes com o passar de seu tempo de prisão. Utilizando os termos de Foucault (2007) podemos observar o quanto os mecanismos de poder são capazes de adentrarem nos corpos dos indivíduos que passam pelo sistema penitenciário.

As questões relacionadas às corporalidades dos indivíduos não tem recebido grande atenção por parte da Geografia, como afirma Azevedo (2009). Entretanto, no caso das dinâmicas carcerárias, essas reflexões se mostram relevantes, uma vez que toda a estrutura relacionada aos mecanismos punitivos do sistema carcerário está embasada em questões corpóreas, como discute Foucault (2007). As figuras a seguir, representam claramente a atuação desses mecanismos nos corpos das detentas.



Figura 06 – Evolução da personagem no espaço carcerário - Tatuagens
FONTE: Filme *Leonera* (2008)



Figura 07 – Evolução da personagem no espaço carcerário – Conquista da liderança do grupo
FONTE: Filme *Leonera* (2008)

Como podemos concluir a espacialidade carcerária é repleta de diversos elementos, elementos esses que são construídos, vivenciados, burlados e subvertidos de formas distintas por diferentes sujeitos. Recordamos as proposições de Massey (2008), quando a geógrafa insiste na importância de considerarmos o espaço, ou se podemos colocar dessa forma, a espacialidade, enquanto algo sempre aberto, dinâmico, vivo, se

construindo e desconstruindo em um eterno jogo de relações.

No filme, observamos exatamente essa dinâmica, e vamos além ao sentido de colocar o quanto essa espacialidade pode interferir na construção identitária de cada sujeita que a vivencia.

Observamos da mesma forma o quanto as representações de gênero estão presentes nesse espaço, e em especial nesse filme particular. É chocante observarmos o cotidiano das pessoas encarceradas, seja através de suas representações no cinema, seja a partir de sua realidade concreta. Mais perturbador ainda é a imagem de crianças participando dessa espacialidade, a qual poderíamos, facilmente, qualificar com termos tais quais dureza, frieza, negligência, invisibilidade e silêncio.

Esperamos ter obtido êxito no sentido de mostrar ao leitor o quanto os espaços carcerários podem ser um rico campo investigativo para a ciência geográfica. Da mesma forma, gostaríamos de reafirmar o quanto as proposições das Geografias Feministas, das quais utilizamos para nossa reflexão o conceito de gênero, vêm nos oferecendo um amplo campo para discussão, englobando temáticas e sujeitos que, comumente, costumam ser esquecidos em outras abordagens científicas.

Considerações Finais

Pouco é discutido na ciência a existência de determinados sujeitos. Como lembra Silva (2009) é somente quando adotamos uma postura crítica acerca da construção do saber científico que conseguimos compreender a invisibilidade de determinados grupos frente à ciência. Essas ausências são provenientes da hegemonia de certos grupos conquistada através de embates no meio científico, que levam a predominância de determinados discursos tomados como verdadeiros e globais.

Defendemos que é nosso dever, como geógrafos adotar uma postura aberta que seja capaz de dar voz a sujeitos esquecidos, repensando assim, nossa forma de 'fazer' Geografia. Somente através dessa tentativa, de trazer à luz grupos que estão ausentes no saber científico hegemônico, que possivelmente podemos construir uma Geografia mais humana.

Nesse sentido, as perspectivas imagéticas se apresentam enquanto um interessante caminho para nos conferir maior abertura a temáticas de pesquisa, bem

como à espacialidade de sujeitos que não são problematizados pela Geografia. Esse artigo é, então, uma tentativa de expandir o escopo da ciência geográfica, demonstrando que as dinâmicas carcerárias são um interessante viés analítico, e que a união com o cinema pode ser um rico investimento.

No filme que analisamos somos capazes de observar uma construção espacial específica. A materialidade em conjunto as ações dos personagens e as significações que elas implicam criam uma espacialidade, um cenário que comporta as mais diversas práticas cotidianas das sujeitas. A questão da maternagem é central ao longo do filme, sendo um dos elementos de base para análise da espacialidade prisional construída.

Podemos observar que apesar desse elemento criar uma imagem de maior tolerância do espaço carcerário da personagem Julia, o cenário ainda comporta cenas de violência e configurações de poder particulares.

Para finalizar lembramos das proposições de Rose (2001) quando a autora alerta que os cientistas devem desenvolver a habilidade de trabalhar com imagens, uma vez que elas estão presentes na grande maioria das relações socioespaciais. Esperamos que o leitor seja capaz de vislumbrar uma nova forma de pensar e principalmente de ‘fazer’ geografia, ou utilizando as ideias de Castro, Gomes e Corrêa (1996) de darmos continuidade às nossas explorações geográficas. Os caminhos já estão abertos, então, vamos lá!

Referências bibliográficas

AGUIRRE, Carlos. Cárcere e sociedade na América Latina de 1800 a 1940. In: MAIA, Clarissa Nunes; NETO, Flávio de Sá; COSTA, Marcos; BRETAS, Marcos Luiz (Orgs). **História das Prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patrícia. **Filhas do mundo: infração juvenil no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

AZEVEDO, Ana Francisca. Desgeografização do corpo. Uma política do lugar. In: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, José (Orgs). **Geografias do Corpo. Ensaios de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, 2009.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo Equivocada: o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

_____. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

CAIMARI, Lila. **Positivist criminology and the classification in early twentieth century Argentina**. Texto publicado no XX International Congress of LASA, Guadalajara, Abril.

CARVALHO FILHO, Luis Francisco. **A Prisão**. São Paulo: Publifolha, 2002.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 59-94.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen. **The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, designs, and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

DUNCAN, James; LEY, David. **Place, Culture, Representation**. London: Routledge, 1997.

FIORAVANTE, Karina Eugenia. **O espaço carcerário e a reestruturação das relações socioespaciais cotidianas de mulheres infratoras na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 2011a. 169 f. Dissertação, Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 25/03/2011.

_____. Mulheres Criminosas: uma discussão sobre o perfil socioespacial de mulheres infratoras na cidade de Ponta Grossa, Paraná. In: **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 5, n.13, p. 17-36, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1969.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e Punir. História da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: FIORAVANTE, Karina; PEREIRA, Renato; ROGALSKI, Sérgio Ricardo. (Orgs) **Geografia e Epistemologia: ciência viva e dinâmica, aberta e plural**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

MASSEY, Doreen. Spaces of politics. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip (Orgs) **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999.

_____. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PANOFSKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RITA, Rosângela Peixoto Santa. A criança em ambiente penitenciário: uma análise da experiência brasileira. In: **VoxJuris**, v. 2, n. 1, p. 203-220, 2009.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies. An introduction to the interpretation of visual materials**. Trowbridge: Cromwell Press, 2001.

SILVA, Joseli Maria. **Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 8, n.1, p. 31-45, 2003.

_____. Análise do Espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a Geografia Cultural Brasileira. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs) **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. (Org.). **Geografias Subversivas. Discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Editoria da Universidade Estadual de São Paulo, 2008.

Recebido para publicação em junho de 2011.
Aprovado para publicação em setembro de 2011.